

IV SIMPÓSIO BRASILEIRO SOBRE  
MATERNIDADE E CIÊNCIA - 2024

## SER MÃE INDÍGENA NA UFNT: CONSTRUINDO REDES DE APOIO COM O PAPU

Evânia Pereira da Silva<sup>1</sup>

Mayra Cristina S. Dias<sup>2</sup>

Lidiane Krukwanê da Silva Xerente<sup>3</sup>

Carliene Freitas da Silva Bernardes<sup>4</sup>

<sup>1</sup> Universidade Federal do Norte do Tocantins, [evaniasilva@uft.edu.br](mailto:evaniasilva@uft.edu.br).

<sup>2</sup> Universidade Federal do Norte do Tocantins, [dias.mayra@uft.edu.br](mailto:dias.mayra@uft.edu.br).

<sup>3</sup> Universidade Federal do Norte do Tocantins, [lidiane.xerente@uft.edu.br](mailto:lidiane.xerente@uft.edu.br).

<sup>4</sup> Universidade Federal do Norte do Tocantins, [carliene.freitas@ufnt.edu.br](mailto:carliene.freitas@ufnt.edu.br).

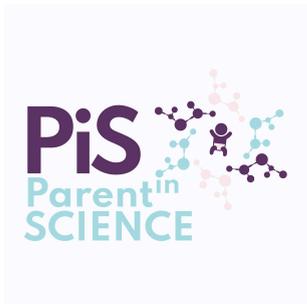
### Propósito

Neste trabalho relatamos os desafios das famílias universitárias indígenas para permanecerem na Universidade, de forma específica a trajetória de uma mãe indígena da etnia Xerente. Também enfatizamos a construção de uma rede de apoio para as mães na Universidade Federal do Norte do Tocantins (UFNT) através do PAPU - Programa de Apoio à Parentalidade na Universidade.

### Revisão da literatura

A Universidade Federal do Norte do Tocantins, situa-se a 530 km da capital Palmas, na região norte do Estado do Tocantins chamada Bico do Papagaio. Foi criada em 2019 por desmembramento da Universidade Federal do Tocantins dos Campus de Araguaína e Tocantinópolis.

Silva (2020) contextualiza que no Estado do Tocantins vivem nove Povos Indígenas com perspectivas cosmológicas e organização social diferentes: os Akw.-Xerente, Mehin-Krahô, Pahin-Apinajé, Iny-Javaé-Karajá-Xambioá, os Krahó-Kanela, Avá Canoeiro e Guarani. “Os desafios da convivência com a sociedade nacional, que já corresponde a mais de trezentos anos, se manifestam tanto em representações equivocadas sobre quem são esses



povos, como na implementação de políticas em que eles não são considerados como interlocutores”, incluindo as educacionais (Silva, 2015, p. 08).

Desde 2004, a UFT/UFNT implantou o sistema de cotas para o acesso da comunidade indígena na Educação Superior. No entanto, sua permanência tem sido um grande desafio devido ao não domínio da língua portuguesa; as diferenças culturais; o baixo nível educacional dos indígenas aldeados; a discriminação por parte de colegas não indígenas; a dependência de bolsas de estudo, moradia e alimentação; pouco preparo da equipe docente, dentre outros (Carvalho, 2020).

Segundo Luz (2018), uma das lutas das mães universitárias está em demandar soluções para deixarem seus filhos dentro da Universidade enquanto participam das atividades acadêmicas. Para as mulheres mães é um desafio vencer as barreiras para uma melhor formação e maior representatividade na sociedade, enquanto são destinadas ou escolhem ser mães, esposas e donas de casa. Sob essa ótica, é visível as dificuldades das mães e pais ao ingressar no Ensino Superior sem que suas atribuições maternas/paternas interrompam seus estudos, principalmente, para as mães que, biológica e culturalmente, são destinadas às atividades de cuidado.

Se para a comunidade indígena, em geral, é um desafio o acesso, permanência e progressão na carreira universitária, mais barreiras ainda vivenciam as mulheres indígenas e mães que precisam superar várias opressões: a de etnia/raça, classe, gênero e por serem mães. Logo, a importância do relato das experiências do PAPU com a comunidade indígena.

### **Procedimentos metodológicos**

Para este estudo utilizaremos nossas experiências como estudantes do curso de Pedagogia do Centro de Educação, Humanidades e Saúde de Tocantinópolis - CEHS/UFNT e como participantes do PAPU na condição de monitoras brincantes e como usuárias do programa.

O Programa foi criado em 2023 com o objetivo de acolher as famílias universitárias (estudantes de graduação e pós-graduação, servidores efetivos e terceirizados com seus filhos), de diferentes configurações familiares, permitindo, principalmente, a permanência e a

progressão de estudantes mães na Universidade, enquanto desenvolvem suas atividades acadêmicas (GPU/UFT, 2023).

O PAPU envolve um conjunto de estruturas e serviços tais como banheiro família, espaço de amamentação, brinquedotecas; acolhimento de crianças de 3 a 11 anos com monitores brincantes no período diurno, noturno e durante eventos científicos; formação continuada da equipe; rodas de conversas para as famílias, dentre outras.

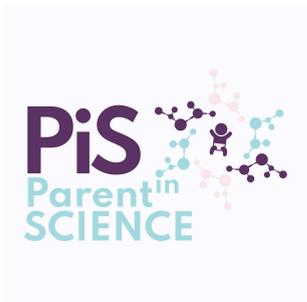
No ano de 2023 foram acolhidas 04 famílias universitárias indígenas (Xerente e Apinayé) e 20 não indígenas, além de 05 famílias da comunidade externa do CEHS/UFNT. Fizeram parte da equipe 09 estudantes bolsistas como monitores brincantes, 01 supervisora, 01 coordenadora, além de pesquisadoras e extensionistas voluntárias. Em média, 60 crianças foram acompanhadas no PAPU.

Enquanto monitoras brincantes participamos toda segunda-feira do planejamento das atividades e discussões de intercorrências, além de oficinas de formação continuada. Acolhemos as crianças, em duplas, na Brinquedoteca Mário de Andrade e na Ciranda. Desenvolvemos atividades de livre brincar e atividades lúdico-pedagógicas variadas como: jogos da memória, bingo em libras, xadrez, jogo de montagem de palavras, futebol, jogos matemáticos, leituras individuais ou em grupos e etc.

O PAPU visa o acolhimento das crianças e seu desenvolvimento integral. Nós monitoras fazemos treinamento e capacitação constante para acolher as crianças na faixa etária estipulada, sendo assim tudo o que é colocado em prática é pensado para que a criança interaja e se desenvolva. Nossos espaços são devidamente adaptados, decorados para que não haja nenhum dano físico ou psicológico a nenhuma criança, porque acreditamos que um ambiente propício contribui muito para o estímulo da cognição, socialização, coordenação motora e linguagem da criança.

## **Resultados**

Eu, Lidiane Xerente, relato minhas experiências como mãe e estudante do sexto período no curso de Pedagogia, ingressando em 2022. Meu esposo também cursa Direito no CEHS/UFNT desde 2021. Temos dois filhos, uma menina de 3 anos e um menino de 7 anos. Pertencemos à etnia Xerente, nossa comunidade fica na cidade de Tocantínia/TO, próximo à



capital Palmas. Ingressamos na Universidade para dar melhores condições ao nosso povo. A busca por esse diploma é difícil, temos que nos manter na cidade e cuidar dos filhos enquanto estudamos. Quando iniciei em 2022, eu deixei meus filhos com minha mãe na aldeia, para ingressar nessa vida de universitária em uma cidade diferente dos meus costumes. No segundo mês que tinha iniciado o curso, decidi voltar para a aldeia e ficar com meus filhos. Minha filha, muito pequena, não me reconhecia como mãe, estava chamando a avó de mãe em função dos cuidados diários. Eu fiquei triste e angustiada, pensei em abandonar a Universidade e retornar para casa com o intuito de cuidar dos meus filhos. Meu esposo e minha família insistiram para eu continuar.

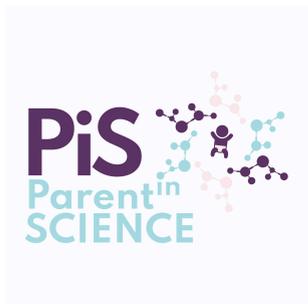
Vieira (2018) diz que a imagem de mãe, nas sociedades ocidentais, passa então a ser equiparada a imagem de santas e protetoras onipresentes que sempre estarão lá pelos filhos e para os filhos, pois se passa a acreditar que a mulher somente é feliz quando coloca os filhos no mundo e deles tem a oportunidade de cuidar.

Com o PAPU, pude trazer meus filhos em 2023. Hoje, eles ficam todos os dias no período noturno na brinquedoteca, enquanto eu e meu esposo estudamos. Então, isso ajuda muito as famílias indígenas como nós e outras mães.

O PAPU dá suporte a pais/mães que precisam levar seus filhos para a Universidade enquanto estudam e/ou trabalham e que não possuem condições financeiras para pagar um(a) cuidador(a) para ficarem com seus filhos ou estão sem rede de apoio na cidade, como familiares e amigos, para se dedicarem à formação acadêmica.

### **Implicações da pesquisa**

O PAPU tem-se tornado uma política permanente da UFNT para apoiar a parentalidade, principalmente, para a permanência materna. Os impactos do programa na permanência das mães universitárias, em específico das mães indígenas carecem de pesquisas futuras, pois há um desafio anterior à sua permanência. Observamos que estudantes indígenas costumam iniciar a vida reprodutiva muito jovens, dificultando a conclusão do Ensino Médio e o posterior acesso na Educação Superior.



IV SIMPÓSIO BRASILEIRO SOBRE  
MATERNIDADE E CIÊNCIA - 2024

## REFERÊNCIAS

CARVALHO, Doracy Dias Aguiar. A permanência dos estudantes indígenas da UFT: 10 anos após a implantação das cotas. In: SILVA, Reijane Pinheiro. **Povos Indígenas do Tocantins: desafios contemporâneos**. 1ª reimpressão. Palmas: Nagô Editora, 2020, p. 101-130.

GPU/UFT. **Programa de Apoio à Parentalidade na Universidade - PAPU Tocantinópolis**. 2023. Disponível em: <https://sistemas.uft.edu.br/gpu/>. Acesso em: 01 nov. 2023.

LUZ, Poliana Aires. **Refletindo sobre as possibilidades para conciliar maternidade e estudos universitários**. 31f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação Letras), UniverSilva, Reijane Pinheiro da

SILVA, Reijane Pinheiro. **Povos Indígenas do Tocantins: desafios contemporâneos**. 1ª reimpressão. Palmas: Nagô Editora, 2020.

VIEIRA, Fabiana Rodrigues. **Maternidade na graduação e os desafios de ser mãe na atualidade: uma análise da situação das universitárias da UFT do Campus de Tocantinópolis**. 2019. 34 f. Monografia (Graduação Pedagogia), Fundação Universidade Federal do Tocantins, Tocantinópolis/TO, 2019.